

JORNAL

DO

CONSERVATORIO.

N.º 3

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS.

(DEZEMBRO 22, 1839.)

JORNAL DO CONSERVATORIO.

EM o nosso numero anterior mostrámos, por innegaveis documentos, os grandes, e admiráveis resultados, que uma bem combinada perseverança, e energica philantropia tem collido para a Arte Dramatica. — Muitos dramas originaes, e alguns de um merito distincto, vão a sommando no horisonte litterario, promettendo ao anhellante espectador alguns instantes de emoção deliciosa, de salutaes terrores, de jovial e risonha censura. Todavia para que estes fins, a que o drama se propõe, tenham effeito; para que o poeta dramatico não descorçõe na espinhosa e difficil vereda, que ha incetado, reléva que se envide a maior sollicitude e esmero na execução de suas obras. — Póde qualquer drama prescindir da pompa scenica, do luxo das decorações, e talvez que até da verdade dos trajos; pode fazer tanto effeito no theatro como em uma salla; porem nunca lhe será possivel prescindir de um fiel interprete: tão ponderosa consideração nos insinuou que por ventura não seriam extemporaneas algumas observações acerca do comediante, e seus importantes deveres. — Mas para que, a despeito da concisão e clareza, que procuraremos dar a esta doutrina, não sejamos de enfado para alguém, il-a-hemos em successivos artigos disseminando.

A arte do comediante é, de todas as de imitação, a que mais imperiosamente exige a posse dos naturaes dotes de uma grande intelligencia, pureza e força no orgão da voz, graça e belleza no corpo; porem máu gráo a reunião de tão relevantes partes, o estudo, a observação, e o trabalho, farão somente, que a perfeição se atinja.

O Orgão mais precioso para o actor é sem duvida o da voz; pois que manifestando os sentimentos que ao homem agitam, interpretando-lhe as paixões, na alma dos ouvintes a seu bel-prazer as excita ou aplaca. — E' inutil observar que por muito excellente que seja este orgão, jámais desculpará ignorancias de lingua-

gem e accentuação prosodica: — e como é muito difficil reunir todas as qualidades da voz, e que ao mesmo tempo se alardêe sonora, extensa, e flexivel; é mister que um continuo exercicio a dirija, e gradue sem exforço, e por theor que as intonações lhe dôme.

Os olhos que se incumbem de receber impressões, ainda mais promptos que a voz, as deverão transmitir; e por isso deverão tambem na scena mostrarem-se em continuo apropriado movimento: — observar o do seu interlocutor; e entendel-os, sendo uma parte essencial da arte; é uma das qualidades essenciaes do actor um olhar expressivo.

Não é tambem para desprezar o talento da audição; — subjeita-se a phisionomia sempre ás impressões de olhos e ouvidos; e mesmo involuntariamente toma o corpo a attitude que exigem estas impressões. — Têm alguns comicos o senão de, sem que executem, responderem; outros vólvem sobre o publico olhos, que nunca deveriam ultrapassar a scena; e uns e outros simêlham então exercitadas maquinas.

Sendo a imitação o principal objecto do comediante, é claro que só por um continuo trabalho e longo habito poderá elle adquirir a facilidade de se transformar por tal guiza, que dissimule a arte dessa transformação. — E que tanto admiravel senão faz mister ao actor para advinhar, que lhe dado um só modello — a natureza; não similhando aiguem, e a todos reproduzindo; desprendendo olhos e faculdades de uma só pessoa para fital-as todas, encontrando em si mesmo as principaes feições desse tão variado, mas immutavel typo!... — Como revelar segredos dessa arte de mentir com verdade, consentindo que descortinemos essa mentira de sob os exforços para alcançar realidades? — Quem encunbir-se de ensino tão maravilhoso?.....

V. HUGO, E A DUMAS JULGADOS PELOS CRITICOS INGLEEZES.

{ OFFERECEMOS a nossos leitores, como cousa de Sainete, alguns extractos de um artigo de QUARTERLY REVIEW acerca da novissima litteratura dramatica de França, e mui particular-

mente dos dous grandes Auctores que a excitaram, e sustentam. — Dar, ao publico uma amostra das ideas dos inglezes a este respeito não é tomar por nossas essas ideas, as quaes, com quanto em alguma parte judiciosas são geralmente expressas por tal arte, que assaz revelam parcialidade nos criticos da Gram-Brelanha alem de que bem deve attenuar-se a impressão que possam causar a arthodoxa moral dos Inglezes, e a severidade que em seus juizos costumam empregar, attenta a bem-merecida reputação dos dous Poetas, que elles com tanto calor impugnaram.]

» Alguns annos ha que a litteratura franceza se dividiu em duas escholas, que foram designadas com as denominações de *classica*, e *romantica*. Os classicos declararam-se defensores da regularidade elegante de Boileau Racine, e Voltaire; os românticos quizeram imitar a independencia e arrojo dos Alemães e Inglezes. Os classicos eram os catholicos-romanos (*) da litteratura, acatando em Aristoteles, e successores, uma especie de authoridade papal; mas por sua exclusiva devoção para com modellos já tão usados, tornaram ridiculo um systema, que, tendo originariamente por bases a verdade, e a natureza, desfigurado se achava com absurdos preceitos, e ficções incriveis. — Per sua parte os românticos bem como os Calvinistas, tão longe levaram o seu desprezo da antiga authoridade, que pertencendo despojar a eschola antiga das suas alentijolas, sacrificaram de envolta com ellas muitas das suas mais nobres vestes; e porfim, em 1830, começaram a entregar-se ás cegas a todas as extravagancias e immoralidades de uma licenciosa liberdade. — Ha todavia na litteratura, como na religião, certo *mezzo termine*, que nós (Inglezes) tivemos assaz de gosto para descobrir, e assaz de juizo para adoptar, em quanto que a nação franceza, toda extrêmos, viu dividir-se sua litteratura em classica e romantica, a que melhor chamárias — *eschola pedante*, e *eschola caltravagante*; pois nesse paiz parece ninguem ter em vista o que é natural. — E' cousa que diverte, observar os pedantes boquejando de bobo a Shakspeare, e os românticos, exagerando com absurdos monstruosos todos os defeitos que os antigos classicos condemnavam no *grande poeta da natureza*.

» Os auctores que em seus romances, e peças de theatro mais extravagancia alardearam obtendo por consequencia maior popularidade como auctores dramaticos foram M. M. Victor Hugo e Alexandre Dumas: — e mostram elles a gradação, com que individuos de mais talento que gosto, de mais força que entendimento, tratam de exceder-se mutuamente, e

até de a si próprios se excederem, uma vez lançados na carreira da voga.

» A concepção da maior parte dos modernos dramas (*) revela evidente imitação de Shakspeare. — As peças historicas d'aquelle auctor, alem da sua belleza intrinseca, são de tanto interesse pelos nomes e eventos dos annos inglezes que já out'ora haviam excitado a emulação de Voltaire; mas viu este baldados seus esforços quando intentou *helenar* Adelaide Duguesclin, e o Senhor de Coucy (*) como tinha *afrancezado* Semirames e Orestes. — Cheniér, aproveitando o ensejo da *Revolução*, fez representar a sua tragedia historica intitulada — Carlos IX cuja aceitação, com quanto extraordinaria não fosse, deve especialmente attribuir-se ao prazer que as turbas saboreavam vendo um rei de França pintado com odiosas côres, e á analogia que uma absurda ferocidade lhes fazia achar entre esse real monstro e Luiz XIV. Ainda que todavia fossem os talentos de Cheniér maiores do que eram na realidade, as regras pedantescas do antigo theatro francez por nenhum theor se amoldariam á representação da vida real, e muito menos á dos costumes nacionaes.

[Passando a falar de V. Hugo e seus collegas, como aquelles que sacudiram o jugo da critica afim de poderem approximar-se da natureza e realidade, acoima-os severamente a revista de não cumprirem a missão que elles próprios se impuseram, e, analisando todas as obras de V. Hugo e A. Dumas intenta mostrar verdadeira sua censura. — Ainda mais um paragrapho trasladaremos para que por essa amostra se julgue do mais que suprimimos.]

» Nas mulheres que figuram em dez peças de V. Hugo e A. Dumas representadas em trez ou quatro annos, contam-se oito aduleras, cinco prostitutas de deferentes classes, e seis victimas d'um seductor, das quaes duas dão á luz

[*] Dramas francezes.

[*] *A delaide Duguesclin* foi representada em Paris no anno de 1734: tendo sido muito mal accelta; Voltaire tratou de a refundir e della fez a sua tragedia intitulada. — *O Duque de Foix*, que subiu á scena em 1762 colhendo poucos applausos: o seguinte epigramma, nesse tempo muito em voga, bem deixa ver que os francezes a não tinham em grande conta.

Adelaide DuGuesclin

Revait sous le nom d'Amelie.

L'auteur croit que par son genie

Et les graces de la Gaussin,

Elle paraitra rajeunie.

C'est une vieille sècrèpie

Sous les parures de Berlin,

Qui vient mourir dans sa patrie.

Essa *Amelia* reassumiu depois o nome de *A delaide*.

Os R.R.

[*] E' um protestante quem faiz.

quasi na scena; quatro mães namoradas de seus filhos ou genros, e dessas quatro consumam trez o crime; — onze pessoas são assassinadas directa ou indirectamente per seus amantes; finalmente em seis dessas peças os protagonistas são bastardos, ou engeitados. — Não olvidamos que o crime, e ajuda, os mais infestos crimes teem sempre entrado na algada da tragedia; esquecer não podemos as familias de Atreu e de Laio no theatro historico e mythologico, bem como na litteratura ingleza *A BELLA ARREPENDIDA*, *JOANNA SHORE*, *Jorge Barnewell* e muitas outras peças; contudo tiveram ellas pela maior parte um fim moral; nenhuma offende a decencia, ou inflama as paixões criminosas. — O que nos espanta e afflige no theatro de França é, vermos a excepção tornada em um momento regra, e não acharmos senão torpeza cada noite, em todos os theatros de um grande povo civilizado, e em todas as obras de seus escriptores quando gosam de mais popularidade; ver por derradeiro similhantes peças representadas cincoenta ou sessenta vezes e applaudidas com enthusiasmo, até que o auctor pela gloria e lucro estimulado, tenha tido tempo de engendrar outro drama do mesmo genero, ou peor ainda, etc.

[Mais ia por diante o artigo da QUARTELY... mas quebreiros nós essa pezada cadêa de gravissimas censuras, dispensemos a nossos leitores desapaixonados a serie de corolarios que dellas pertende tirar o Redactor Inglez; corolarios que todos tendem a dar do publico e dos auctores francezes a mais funesta idéa, agoirando matte á civilisação e litteratura d'aquella — por excellencia — civilizada e lettrada nação. — Nem taes agoiros se vão cumprindo, nem jamais terão de realizar-se. — O *ultra-romanticismo* subio em França ao seu mais alto gráu; mas nestes ultimos tempos é visivel quanto se ha elle modificado: é um *aerostata* que impellido pelo intensissimo gaz da innovação e do progresso rapido se elevou até as mais altas regiões da athmosphera dramatica, quasi que até chegou a pospol-as, e a asphixiar os aereonautas; mas breve tracto se demorou nesse subido ponto, e não tardou a descer e a descer.]

A VESPERA DE NATAL

OU UM MYSTERIO NO SEculo XIX.

GRANDE e mysterioso para o catholicismo é o dia de NATAL! — e a noite, que o precede, é por tradição a noite dos pastores e magos, do presépio humilde, e da luminosa estrella, dos vagidos dolorosos do Menino cá na terra, e lédos cantos dos anjos lá no céu. — Era, na fervente idade media, a noite de NATAL, uma noite de radiantes missas, uma noite em que as

vetustas cathedraes de granito sacudiam á sombra o alvo manto de neve, e para a festa mystica esplendidamente se illuminavam. — Mas agora!... a fé cerrou as niveas azas; e das cathedraes antigas bastantes em viuvez, e solidão sob um brujinoso vento choram, e como abandonadas ruinas se amostram silenciosas em a NOITE DE NATAL!...

É entranto a noite de Natal é, ainda em nossa epocha de scepticismo, a noite das *pastorales* — religiosos mysterios, que sulcando os tempos, teem sobrevivido á tragedia classica; e resistido, mesmo no seculo XIX, ao drama romantico. Tinha a religião produzido os *Mysterios*; a religião nol-os conserva como uma lembrança, e uma tradiçãodas antigas crêças dessa singella epocha, em que a arte dramatica se revestia de symbolicos remêdos, e grotescos trajos: os principios do bem e do mal luctando ambos; um sancto e um Demonio disputando com palavras equivocas; as ceremonias d'um culto respeitado similhando mascaradas; a vida e paixão de N. S. JESUS-CHRISTO traduzidas em pouco decedentes quadros; a FE, a ESPERANÇA a CHARIDADE, as VIRTUDES THEOLOGICAS e os sette grandes Pecados dansando obscênas gigas!... — Muitas vezes a morte a mesma morte foi parodiada: flutuante lençol lhe pendia dos hombros, rasgão de ensanguentado linho lhe imitava transparentes entranhas; e a viam sobre o theatro dansar defronte da TUMBA, desdentada velha cujo rosto é palido, e as faces encovadas como um sepulcro!... — Finalmente se nossos irmãos tinham vivas e fortes crêças, e se inclinavam sob os preceitos da fé; parodiavam tambem e representavam mysterios.

O MYSTERIO do nascimento de Jesus-Christo se chamava tambem *Pastoral*; sem duvida por causa do importante papel, que desempenhavam os pastores de BETHLEEM.

Era pois a vespera de Natal do anno de 1837. — Um nevoeiro espesso e frio envolvia como um lençol, uma pequena villa situada nas abas dos niveos, e apumados alcantis da SERRA-DA-ESTRELLA. Com toda a pressa se dirigiam silenciosos pares a uma antiga, e sombria fabrica, cujos torreões gothicos lambem despenhadas torrentes; e que se alçam, e fluctuam vagamente na bruma, como phantasmas gigantescas. A rua tortuosa e mal-calçada da escura villa escoregava por humida; e os que passavam, cuidarias, serem fugitivas sombras. Soprava o vento, e gemia pelas torres e lascadas arvores, como alma de purgatorio, que anda comprindo a sua sentença; a néve remuinha em gelada poeira: era enfim uma verdadeira noite de Natal!...

— Vamos, boa mãe; dizia uma voz sibilante, e sêcca: vamos, apressêmo-nos! — quando não chegarêmos ja tarde, e o lugar... — Vê-te! no relógio do compadrie Mendes é a meia noite!...

Com effeito meia-noite soava a torre da freguesia. . . — Meia-noite! — hora solêmne; hora em que o choro dos anjos rebôa lá nos céus, e os magos se prostraram sob os brilhantes olhos da estrella que os guiou! — Meia-noite é a hora da *Pastoral*, é enfim a hora de cada um se mover impaciente e apressado; o que na verdade aconteceu então, pois de nada mênos se tractava, que de vêr o *DEABO* em pessoa, e *SANTÍSSIMA VIRGEM*, e os *SANTOS*! . . — Disseste vós, comadre *Josephra*, que não havia logar, — retorquiu com indignação a velha interpelada, andando com a maior pressa! . . . Que não havia logar! . . . Era o que me faltava! . . . A mim que sou mãe do que faz de rei *HERODES*! Sim senhor, do rei *Herodes*! com o seu murrião dourado, e que fez degolar. . . .

Mas já o grupo chegava á tão desejada e lenta meta ao dar o sino a ultima badallada da meia-noite; e na larga escadaria encontraram de sentinella um soldado do rei *Herodes*.

Era o sacristão da freguezia, disfarçado em antigo guerreiro, e encostado a uma enorme lança. Passaram as illustres personagens, levando-se por um longo corredôr, onde tinham visto outros enfiar e perder-se; mas adiantando-se, uma mortiga luz, que bruxuleava ao longe, servio a derigil-as. — Uma porta se abriu, e eil-as n'um vasto aposento arruinado, de aspecto lugubre, e cujas parêdes humidas tinham sido para a representação cobertas de velhos panos de Arraz, que tambem representavam dramas de antigos tempos. — Duas lampadas, que exalavam fumo e bastante cheiro, eram ameaçadas por cada repellão de vento; alumando vagamente os numerosos espectadores que com a boca aberta consideravam alternadamente o tecto, as lampadas, e as fluctuantes tapeçarias com as suas batalhas, carros, cavalos, e afogueados guerreiros! . . .

Servia de pano para esconder o tablado uma cortina branca orlada e bordada com ramos de pinheiro e abeto em concertados festões. Emfim uma escada collocada a um dos lados da Scêna annunciava aos espectadores a intenção de estabelecer uma communicação entre a sala, e um logar mais elevado; entre a terra e o céu! De tempos a tempos, para fazer esperar com paciência, uma carantonha desviava um pouco a cortina; e gargalhadas doidas e pateada a saudavam: — ouviam-se as estridentes vozes, e phantastico riso das creanças; e as lampadas, fazendo avultar as trévas da sala, espalhavam um nevoeiro de fumo sobre este oceano de ondantes, e apertadas figuras. . . . — Mas calada! . . . Lá se levanta o pano! . . .

Ergueu-se o pano; a um immenso clamor seguir-se um profundo silencio: quatro meninas de vestido branco, e com cestinho e cajado vêtno declamar a indulgencia do publico para o espectáculo, que váe começar. — Então trazlindos an-

jos com brancas ázas de papel'trepam pela escada accima' inencionada, e correm sobre cordas, cantando divinos NATAES, á imitação dos anjos lá do céu: — Entram depois *S. JOSE* e a *VIRGEM MARTA*, e dialogando fazem ao publico a espositão da peça.

A *VIRGEM*, em quanto durou este dialogo mui picturesque, recolheu-se em suave modestia, e toda rubores fôí subindo a escada até desapparecer. *S. JOSE* ficou em scena declamando e brucejando por theor assaz comico.

A esse tempo os pastores, avisados pelos anjos, vinham correndo todos enfeitados como para uma grande festa, e cada um trazia o seu tributo para offerter: qual um açafate de queijos frescos, qual um cabaz de fructos, ou um casal de rôlas, ou ramilhetes de fresquissimas flores: a virgem tornou então a apparecer e lhes lançou uma cordeal benção.

Então começou a levantar-se do horizonte do theatro uma luz, figurando ser a luminosa estrella do Oriente: trez turcos com seus turbantes e pantalona vermelha, trazendo cada um sua bandeja carregada de ricos presentes, caminharam gravemente para a *Virgem* e ajoelhando lhe apresentaram o que traziam, e se retiraram.

Acabaram apenas de sahir quando se viram dous anjos descer velozmente, dirigiram-se aos espectadores, e penetrando por entre elles foram apresentando a cada um delles um prato d'estanho aonde se ouviram successivamente cair moedas de prata e cobre — esmolas dos devotos!

Depois desta curta interrupção, ouviram-se atraz da scena gritos horriveis e inarticulados; e um monstro sacudindo férreas cadeas, e duas vermelhas pontasse apresentou terrivel. No mes instante apparece *S. MIGUEL* sobre um troço resplandecente; outro anjo lhe pôe nas mãos uma das cadeas que o monstro agitava convulsivamente; e o guerreiro celeste faz uma predica a *SATANNA* depois de o ter castigado com a flamejante espada! . . .

O rei *Herodes* filho da nossa conhecida vem contar seus pezares e insomnios por causa do *SUBERANO* recém-nascido. — Ordêna logo o monarcha o mortecinio geral dos innocentes, e se suicida depois á vista de todos!

Abaixou-se o pano; e *Satanaz*, os turcos, os anjos, *S. Miguel*, e a *Virgem* vieram abraçar seus filhos e mais familia; não esquecendo o rei *Herodes*, cuja mãe ja nós conhecemos.

Retiram-se todos finalmente, por extremo satisfeitos das fortes perepécias e esplendidas decorações do *Mysterio* do *Santissimo NATAL*.

THEATRO DE S. CARLOS.

PARISINA.

DEVIDA á cooperação de *F. Romani* e *Donizetti* foi esta opera de novo á scena em o dia 18 do corrente para o *debute* do *L.º* baixo *Spech-*

— É uma a imitação do poema de Byron intitulado — *Parisina*, uma das mais bellas producções do grande lyrico inglez; e relêva confessar, que o poeta italiano não quiz desmerecer do genio sublime, cuja inspiração ha procurado; pois que mui lindos versos se notam em o libretto, cujo assumpto é o seguinte. — Azzo, Marquez d'Este, zelozo de sua esposa, e sem motivo; pois que Parisina adora um joven e ousado cavalleiro — Hugo-o-Bastardo; e com tal extremo o ama, que em sonhos deixa escapar seu nome. Azzo mordendo-se de choleira e ciume entrega o rival ao caraseo, e esse rival é seu filho, e Parisina que o vê cabe e morre exalando maldições ao assassino.

Situações felizes e fortemente dramaticas tornam o segundo acto da peça bastante notavel podendo especializar-se o dueto de Azzo e Parisina desempenhado com muita expressão e mimica: mas o desfecho nos parece chegar um pouco antes do que convinha. A partição é muitas vezes fria, e dubiamente orchestrada. Além disto offerecendo não pequeno numero de reminiscencias das suas obras precedentes se lhe reconhecem por intervallos phrases de Rossini e Bellini, a quem muito quer imitar. Todavia a peça talvez pelo Sr. Spech obteve applauso, o que lhe não aconteceu em Paris com M. le Grisi, Tamburini, e Lablache.

Em tal opera debutou o Sr. Spech; e si foi por escolha sua não a julgamos muito feliz para nós, mas especialmente para elle: — a musica forçada da Parisina se presta de máu grado ao exercido ouvido dos *dilletanti*, e a bom desejo dos actores; talvez por isso o seu desempenho também não fosse, em alguma parte, tão cabal, como seria para desejar. — Mas vamos ao Sr. Spech.

Este actor tem uma voz de basso sonora, pura, bastantemente extensa, e expressiva; e apesar de lhe não podermos avaliar, senão mediocrementemente os seus effeitos, porque o seu papel é de bem pouco brilhantismo, ouvimos com prazer o andante da sua não muito característica aria cantado com expressão, delicadeza, e graça: — os pianissimos foram modulados com perfeição, e a sonoridade d'aquella voz do peito se tornam por extremo agradaveis; finalmente notámos um trinado, que nos arrebatou pela sua firme limpidez, bem sustentado brilho e por um echo dulcisono, e donosamente modificado. Cumpre porém advertir que a voz do Sr. Spech com quanto bastante extensa, nos pareceu pouco cheia e com alguma teneuidade na escalla dos agudos. O seu methodo é puro; mas a vocalização nos pareceu ainda não sufficientemente exercitada, não domando sempre as intonações talvez quanto era para desejar em especial a quem esta officio ao exercitado e suavissimo estylo. — Coleti: — todavia é de notar que o Sr. Spech não costu-

mado ao nosso grande theatro: teve por ventura receio de não ser ouvido sufficientemente; e também é nossa opinião que a musica da opera o favorecia pouco. — Seja o que fôr, de nossos receios ou esperanças o futuro melhor decidirá; mas nós que a este respeito affagamos de preferencia as ultimas, contamos que o Sr. Spech ainda mais vantajosamente se mostrará em outra peça.

Si exceptuarmos o Dueto com o actor já mencionado, a Sr. Barili esteve bem pouco para agradar esta noite. — Vacillação no canto, e bastante deslíz, e desigualdade em os diversos tons, sobêjo nos mortificaram. — Todavia cumpre notar, que os trechos que mais poderão incorrer nesta censura; por isso mesmo que sendo acompanhados de algum pretencioso relievo se lhe fizeram mais salientes os defeitos, foram esses os que de uma parte da platêa mereceram mais distinctos applausos.

O Sr. Regoli não é proprio para estas peças; porque a sua voz tem pouco de dramatica e extensa; a despeito de possuir qualidades recomendaveis.

O SR. CASIMIRO.

Em uma festividade, que teve logar no dia 12 em a Freguezia de S. Christovão, ouvimos uma Missa da composição deste insigne artista, que nos entranhou o maior prazer, e admiração, e pasmo. Em verdade, d'ol' o-hemos com franqueza, não cuidavamos haver ao presente um genio musico portuguez de tal força. A delicada melodia, as sobêrbas e activas harmonias, os grandes effeitos de instrumentação, tudo em fim abunda, que não falta, nesta producção. Tenha o Sr. Casimiro estas nossas expressões, como filhas de nossa admiração conscienciosa; pois que não temos o prazer de conhecê-lo; — ostente-se sem receio, que em si muito para criminar seria; e metta hombros á composição de uma OPERA; pois que esperamos seja um condigno rival dos grandes mestres, especialmente alemães, cuja preexcellente escholla tão ditoso lhe vemos seguir.

SAINETE.

A ESTALAGEM DOS TREZ-PINHEIROS.

NO mez de Janeiro de 1587 havia em o theatro d'Anvers um comediante chamado Verbruggen, o qual costumava desempenhar papeis de diabo. — O theatro d'Anvers, que então era situado muito áquem da *Porta-vermelha*, mais parecia uma especie de arraial do que um theatro, e n'elle se representavam os mysterios do Inferno e do Paraizo á luz mortiza de algumas candeias. Um frade recolto de Mons chama-

do frei Philippe Bosquiez (cujos sermões e comentários escriptos em 3 volumes *infolio*, e impressos em Colonia no anno de 1620, são de grande estimação para antiquarios,) frei Philippe era então o poeta desse theatro mystico, cujos interlocutores eram nada menos que o Padre, o Filho, e o Espirito-Santo. — O pobre Verbruggen, comediante raiado, nada mais possuia que o seu guarda-roupa de diabo, consistindo apenas em cinco vestuarios cõr de fogo e enchôfre, todos muito bem variogados com suas divizas e monogramas proprios d'aquelle tempo. — De dia entretinha-se Verbruggen em escovar com todo o esmero as suas cogulas, em pulir e repulir as garras bem como as pontas d'arame enrolado destinadas a adornar-lhe a parte anterior da cabeça; mas não era por um requinte de aceio diabolico e infernal que o desgraçado se dava a todo esse trabalho; era a necessidade de aquecer-se, que a tal o reduzia. A chuva, o vento, todos os flagellos da estação, tinham entrada franca no miseravel tugurio do Saltinbancõ; e seriam baldados os exforsos de Verbruggen para obter de seu director algo com que se aquentasse, por que este lh'o negaria fundado no irrevogavel axioma — « que os diabos devem sempre ter calor.

Uma noite, depois de haver representado n'um suberbo drama de frei Philippe, e no qual tinha sido applaudido com o maior enthusiasmo, entrou Verbruggen na sua mesquinha habitação, em cujo logar se eleva a estas horas a estalagem dos TREZ-PINHEIROS. — Os applausos que recebêra não podiam infelizmente diminuir-lhe o frio; o lar estava coberto de gêlo, e sem uma triste hacha de lenha; e um vento penetrante o fez tiritar quando despiu a cogula de Belzebuth.

— Infernõ! bradou elle [pois nesse tempo já se uzava esta exclamação dramatica, de que tanto ao depois se tem abuzado na scena]. Os dentes lhe batiam com tal força que pareciam castanholas tocadas per dedos de sigana, e as pernas lhe tremiam, apenas protegidas por uma pobre sotaina que o vento enfunava como a véla de um navio.

— Por Satanaz! — Continuou o coitado olhando para o lar gelado; por Satanaz! Quero ter lume!

No mesmo instante cahiram pela chaminé trez grandes galhos de pinheiro.

Verbruggen apezar do seu parentesco com o diabo, julgou que era prudente benzer-se: todavia foi lançando mão da sua lanterna cornea [especie de fogão economico, e de elle acalentava ordinariamente os d'ellos interogados] e se poz a acender a preciosa lenha: cada um dos galhos era do tamanho de uma pequena arvore. — Eis a resina dos pinheiros já correndo em fio, e uma viva chama disputando a posse do

lar ao ja desfeito gêlo — Verbruggen triumphava. Uma enorme fogueira, uma fogueira infernal, e o bom do comediante a aquecer-se toda a noite á regalada; mas na seguinte nem um só tição, e o misero desesperado. A afflicção em que estava lhe trouxe á boca as pragas do costume: chamou Satanaz, — e logo tres hachas pela chaminé.

Mas d'esta vez, acompanhando a lenha veio o diabo em pessoa.

Trazia vestida uma cogula vermelha como a do actor, as unhas eram negras e retrêidas, e uma lanterna cornea lhe pejava a mão direita. — « Eis-aqui com que possas ter lume todo o hynverno, disse o diabo ao comediante.

Ao mesmo tempo apresentou-lhe um Saquitel cheio de dobrões e maravedizes. O comediante recuou, pois era algum tanto supersticioso; contudo foi tomando animo, e começou a invectivar seu irmão como um verdadeiro Satanaz.

— « Misericordia divina! Concluiu o comico; e a quem roubaste esse dinheiro.

— « Ao frade Philippe Bosquiez, disse o diabo; é o dinheiro por que elle vendeu o seu ultimo drama intitulado *O Inferno*. Era justo que tendo eu dado o assumpto, participasse dos lucros do autor.

O comediante continuou a fazer-se grave per algum tempo; mas apertado pela necessidade, e pelo engodo de um fogo eterno estendeu a mão e foi aceitando.

D'aahi em diante nunca lhe faltou lume para se aquecer, e foi accendendo cada noite trez galhos de pinheiro, empregando sempre o numero trez como um numero *Sacramental*.

Quando ia ao theatro evitava com o maior cuidado encontrar o frade recolto; mas um dia não se lhe podendo esquivar, este lhe pediu licença para ir aquecer-se á sua fogueira.

— « Bem sabeis vós, Reverendissimo, que um pobre comediante como eu não tem lume em casa.

Verbruggen mentia; no seu lar ardia ja um um bom lume; as chamas se reflectiam nas paredes, e o aroma da resina se lhe diffundia em nuvens de fumo pelo aposento.

O frade logo que entrou fez uma cruz dirigindo-se para a chaminé, e surtiu-se.

— « Qué estaes fazendo frei Philippe?

— « As vezes de um bom diabo, amigo Verbruggen. Fui eu que uma noite aqui vim representar de Satanaz: não te parece que sou um excellente actor?

Verbruggen desfez-se em agradecimentos, e saltou aos abraços ao bom do frade. Pouco depois cazou-se, e diz achronica d'Avets que teve muitos *diabinhos*; e o nome mesmo d'estas foi o fundador da estalagem conhecida desde então pelo nome de **ESTALAGEM DOS TREZ-PINHEIROS**.

Correspondencia.

RECEBEMOS uma carta do Sr. Emilio Doux pedindo-nos algumas explicações acerca da Doutrina do 1.º artigo que se lê no 2.º Numero deste Jornal: — por falta de espaço não transcrevemos a dita carta, o que faremos em o Numero seguinte, prometendo desde já responder-lhe convenientemente. —

ARTE DE APPLAUDIR NOS THEATROS.

POUCO ou nada tem medrado entre nós a arte de dar applausos nos theatros; e adiante veremos como nesta (e porventura em outras muitas) os modernos estão bem longe de levar vantagem aos antigos.

Os applausos distinguem-se em Roma das aclamações, e a principal differença consistia em serem estas ultimas executadas com a voz em brados de louvor, e aquelles sem que se proferisse uma unica palavra, empregando-se as mãos, e algumas vezes uma aba da Toga com que se acenava. O Imperador Aureliano distribuiu ao povo umas fachas proprias para os applausos, evitando assim que as togas servissem para esse effeito. Entre nós reduzem-se os applausos ás *palmas*, e poucas vezes se recorre ao lenço branco: = os francezes fazem tambem uzo da luva, do *Jornal de Theatros* que estão lendo, e as damas empregam tambem o leque, e o ramilhete.

Nos theatros, circos, e amphitheatros é que os antigos faziam ouvir mais aclamações e applausos; foi pois para essas assembleas que a arte d'applaudir foi sujeita a preceitos impresscriptiveis.

Os Romanos, simplicios e grosseiros, applaudiram per muito tempo sem methodo; maquinalmente se entregavam ao enthusiasmo em a uma admiração irreflectida, que lhes arrancavam applausos proporcionaes ás sensações que verdadeiramente experimentavam. Esta simplicidade indicava os primeiros tempos de Roma, porque Ovidio falando do rapto das Sabinas, diz que então os

applausos ainda não estavam sujeitos a nenhuma regra.

In medio plausu, plausus tunc arte carebat.

CHRONICA THEATRAL, 14 de Dezembro de 1842.
 FECHOU-SE hontem a Semana com o dia do bem-aventurado S. Thomé, que tanto se distinguu de todos os outros Sanctos pola sua pia incredulidade; e que deu origem ao nosso — *ver e crer como S. Thomé*, rifão que parece feito expressamente para os nossos theatros, e mais ainda para o que nelles se passou na semana finda. — Perguntáe aquelles que hybernam, e pensariam morrer, si per estas chuvasas noites fossem obrigados a sair de casa, e que se contentam com tomar repousadamente o seu chá, e com as representações do seu theatro domestico; perguntáe-lhes o que sabem elles de novo acerca de theatros; o que ouviram dizer de D. Sisoando, e do Cabrito, e da Parisina, e do *Signor Speck*, e aposto eu que elles, com a sua gorda pachorra, vos responderão: = "Ver e crer como S. Thomé. — E na verdade são de tal maneira disparatadas as opiniões que se ouvem cá per fóra, que um pobre homem de boa fé não sabe para onde ha-de voltar-se, e quando chega o momento de ir presenciar os factos, e examinal-os com os seus proprios olhos, leva a cabeça tão cheia de burundangas, e de tantas prevenções simultaneamente pró e contra o que váe ver, que é difficil discriminal-as, e de entre ellas tirar a limpo um são juizo, ou da sua combinação colher um resultado razoavel. — Ora pois, si é difficil ajuizar dos theatros a quem os frequenta quanto mais o será para quem se contenta com o que delles lhe contam! — Ide portanto muitas e muitas vezes aos nossos theatros, si quereis evitar tal confusão, alem de que misturareis assim o util com o agradável: — sabeis mais e não vos enfastiaes tanto!

Sabbado 14 de Dezembro, em beneficio do Sr. Lisboa = D. SISOANDO CONDE DE COIMBRA drama original portuguez em 3 actos e em verso, pelo Sr. J. F. de Serpa Pimentel = O CABRITO MONTEZ, comedia em 3 actos. = De D. Sisoando pouco diremos porque nos reservamos falar delle mais d'espaco em outro numero. A distribuição dos papeis não devia favorecer-lhe o effeito: — já por vezes temos observado que um Comico, por excellentes que seja no seu genero, não tem privilegio de *Protéu* para amoldar-se a todos os caracteres de que pertendem revestir-o. — A Sr.^a Talassi não está bem no papel de Adozinda, que não requeria tanta força physica e moral, mas antes mais delicada timidez. O Sr. Sargeas — Osman — tambem está fóra do seu elemento, e assim, quando no ultimo acto quer dar valentia ás amargas exprobações que faz ao Conde, se lhe faz mister engrossar a voz de um modo tão forçado que desvaneca toda a illusão. Tambem achámos que nepliam dos actores declamava o verso com perfeição, ficando contido menos longe della a Sr.^a Talassi e os Srs. Epifanio e Vanez: — nem deve isso causar estranheza pelas muy raras occasiões de se exercitarem no verso que se tem dado na scena portugueza. — O

Tufado não deveria ter cantado tanto. — As Scenas novas eram ricas, e de bastante effeito.

O CABRITO MONTEZ é uma lindissima comedia, e os papéis da baroneza Mathilde, e da marquez, e do Rendeiro inglez são muito bem desempenhados pelas Sr.^{as} Jozephina, e Talassi, e pelo Sr. Lisboa, o qual enche de riso todos espectadores: o novo marquez o Sr. Macedo deve mostrar mais desembaraço, e maneiras mais cortezans, de maneira que avulte a differença entre elle e os rusticos com quem está tratando; tanto mais dezejamos que este actor emende os seus defeitos, quanto é certo que se divisa nelle não pequena disposição para a Seena.

Domingo 15. = Repetiu-se o mesmo espectáculo, havendo a notar, que no drama D. Sismando se fizeram algumas modificações, especialmente no ultimo acto.

Terça feira 17. = OS INCENDIARIOS = O CABRITO MONTEZ. Dos primeiros ja falámos em outro Numero e só acrescentaremos que a Sr.^a Emilia é um *Félis* extremamente sensível, e exprime com verdade as commoções apaixonadas, e o delicado timbre desse joven adolescente.

Quinta feira 19. = LUIZA DE LIGNEROLLES, drama em 5 actos. — Os DEIDOS — O ENSAIO D'UMA TRAGEDIA. As Sr.^{as} Talassi e Emilia, os Sr.^s Victorino e Vanez, desempenham cabalmente os seus papéis: o ultimo, especialmente no 5.^o acto, será difficil de exceder em naturalidade e verissimilhança; o Sr. Victorino foi muito applaudido.

Theatro de S. Carlos. — Domingo 15 de Dezembro. = ROBERTO DO DIAEO: — foi como de Costume. — Segunda feira 16 = NORMA e OS PORTUGUEZES EM TANGERE — nada a notar.

Quarta feira 18. = PARISINA = OS PORTUGUEZES EM TANGERE. Da primeira falamos em separado. Na dança notámos com satisfação que o Sr. Molinari tirou proveito da censura que no passado Numero lhe fizemos acerca do combate final. Este primeiro Mimico reúne os melhores dotes da natureza, os quaes ajudados pela arte muito o fazem sobre-sahir. — Continuamos a notar a bandeira azul, que niuguem dirá ser portugueza. Esta Dança tem continuado a ser applaudida com enthusiasmo; a musica é excellente, e a de todo o primeiro bailado engraçadissima; a vista da mesquita é grandiosa, e a ultima scena deslumbradora de suberba. —

Não esqueceremos louvar a Sr.^a Moreno pelo desempenho do seu Solo. — A Sr.^a Soler por molestia não pode ir á Scena.

Sexta feira 20. — NORMA — OS PORTUGUEZES EM TANGERE.

PORTO — THEATRO DE S. JOÃO — No dia 4 do corrente debutaram n'aquelle theatro duas actrices, uma das quaes = a Sr.^a Grata Nicolini obteve os maiores applausos de um numeroso concurso de espectadores. O Sr. Gama tem para seu debute o drama original portuguez intitulado Almanzor Aben-Afan. — São bem conhecidos nesta Capital os talentos que a Sr.^a Grata ostentou nos dramas Philippe Mavert, Fronteiro d'Africa, e outros; e é opiniao geral que si esta atriz chegar a perder de todo a accentuação e pronuncia italiana, poderá competir com as melhores do theatro portuguez. Todos conhecem o Sr. Gama pelas suas representações no theatro do Salitre: consta-

nos que este actor se tem applicado muito á bella arte que professa.

Post-Scriptum.

AGORA que é meia noite sahimos do Theatro Normal, onde uma brilhante e aristocratica sociedade se tinha reunido, bordando-se os camarotes da mais escolhida e bella companhia. = Era o Beneficio do CONSERVATORIO e foi numerosissimo o concurso, que se apressou a patentear com a sua presença o quanto reconhecia a utilidade extrêma de tão importante ESTABELECIMENTO. O alumno do mesmo CONSERVATORIO A. Joze, discipulo do insigne rabequista o Sr. Mazoni muito se distinguu, e foi devidamente applaudido. = O Sr. Anglois, não ha pintar a admiração, e prazer com que o escutámos; e os freneticos *bravos* do publico.

AVIZO.

A empresa do Theatro de S. Carlos, precisa de tres primeiros supranos para côros: quem se achar nas circumstancias de prehencher estes lugares, pode dirigir-se ao Escriptorio da Direcção na Rua do Alecrim numero 1 todos os dias das 11 horas da manhã até ás 3 da tarde.

ANUNCIOS.

EXPECTABULOS EM A SEMANA CORRENTE.

THEATRO DE S. CARLOS. 22 — Roberto do Diabo. 23 — Parisina = Dança — Os Portuguezes em Tanger 26 — Idem — Idem — 27 — Idem Debuta a 1.^a Dançaririma Carlota Devichi em um Pas-de-deux com Mr. Theodore. 28 — Parisina — Dança, Portuguezes em Tanger. 29 — Roberto do Diabo, ultima noute em que dança neste Theatro M.^{lles} Clara e Adock.

TYP. DE J. F. DE SAMPAIO.

Paço do Salema N.^o 18.